

ALFABETIZAR E LETRAR NO SÉCULO XXI: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Literacy in the 21st century: challenges and possibilities

Nair Correia Salgado de Azevedo¹
Daniela Cristina Magro dos Santos²
Jeniffer Tellis Notário³
Lauane Luisa Vieira⁴

RESUMO

Discussões relacionadas à alfabetização são constantes e uma das vertentes dessas reflexões tem pensado sobre as relações entre “Alfabetização”, “Letramento” e as mídias. O presente artigo é resultado de um trabalho de conclusão de curso e tem como objetivo geral analisar os desafios e as possibilidades geradas pela era digital para o processo de alfabetização e letramento. Como objetivos específicos esperam-se: a) refletir sobre os impactos da era digital na educação; b) entender os desafios gerados para a alfabetização e o letramento; c) destacar as possibilidades geradas para a alfabetização e letramento com o uso da tecnologia. Como metodologia, esse estudo usou da abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e coletou dados em artigos e livros sobre alfabetização e letramento, além de pesquisas já publicadas entre os anos de 2010 e 2020. Foi possível concluir que a alfabetização e o letramento na era digital oferecem desafios a professores, tanto no ensinar quanto no aprender, além de oportunizar a aprendizagem de novas competências e habilidades a discentes e docentes. Por meio das tecnologias, os docentes e alunos vivenciam novas formas de aprender e ensinar no contexto atual, essenciais à inclusão em uma sociedade da era das linguagens dos multiletramentos.

Palavras-chave: Nativos digitais, Alfabetização, Letramento, Tecnologias, Aprendizagem.

ABSTRACT

Discussions related to literacy are constant and one of the strands of these reflections has thought about the relations between "Literacy", "Literacy" and the media. This article is the result of a course conclusion work and has as general objective to analyze the challenges and possibilities generated by the digital age for the process of literacy and literacy. Specific objectives are expected to: a) reflect on the impacts of the digital age on education; b) understand the challenges generated for literacy and literacy; c) highlight the possibilities generated for literacy and literacy with the use of technology. As a methodology, this study used a qualitative, bibliographic approach and collected data in articles and books on literacy and literacy, as well as research already published between 2010 and 2020. It was possible to conclude that literacy and literacy in the digital age offer challenges to teachers, both in teaching and learning, in addition to providing opportunities for students and teachers to learn new skills and abilities. Through technologies, teachers and students experience new ways of learning and teaching in the current context, essential to inclusion in a society of the era of multiliteracy languages.

Key-words: Digital natives, Literacy, Literacy, Technologies, Learning.

¹ Doutora em Educação, UNESP, nairazevedo@hotmail.com

² Licenciada em Pedagogia, UNOESTE, dani_magro11@hotmail.com

³ Licenciada em Pedagogia, UNOESTE, jenh_telles@hotmail.com

⁴ Licenciada em Pedagogia, UNOESTE, laauvieira3@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia tem impactado toda a sociedade, desde a forma de se comunicar até o modo com que se fazem negócios atualmente. A educação também entra nesse processo denominado ‘transformação digital’ (BRUEL, 2018) e, a partir dessa inserção, encontra desafios e possibilidades para o exercício do saber e a aplicação do conhecimento.

As crianças que crescem em meio a essa era tecnológica não podem ser comparadas aos “baby boomers” da década de 1920 a 1950 (YAÑEZ, 2016), à geração dos anos 1970, 1980 e 1990 (Geração X e Geração Z) ou ainda à geração Alfa, nascidos após 2010 em meio à estímulos diversos, vivenciando o que Castells (1999) chama de ‘ciberespaço’.

Dentro desse contexto, a educação passou e passa por mudanças geradas pela influência da tecnologia, bem como pela modificação das capacidades cognitivas da geração que atualmente adentra as salas de aula. Constitui-se então um desafio a professores: mediar o conhecimento, entre eles o de alfabetizar e estimular a busca pela leitura e escrita de crianças que pensam graficamente e adentram o contexto escolar a partir dos quatro anos de idade já tendo inúmeras horas de estímulos e aprendizados frente à televisão, tablet, celulares, brinquedos pedagógicos, joguinhos ou figuras 3D em suas casas e quartos (GHIRARDELLO, 2005).

Há grandes possibilidades não só do uso da tecnologia, mas também na inovação no processo de alfabetização e letramento por meio de ferramentas digitais propondo ao aluno alfabetizando mais que apenas o significado das letras desenhadas, mas também um meio de interagir com a leitura e escrita pelos recursos tecnológicos de interação e comunicação, as “Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação” – TDIC (FEITOSA, 2018).

Esse trabalho parte do pressuposto de que o processo de ensino e aprendizagem sofre influências dessa nova era, conhecida como “era da informação” ou “era da tecnologia”, ou ainda, “era digital” e, qualquer que seja a nomenclatura usada, que designa um período de grande impulsão tecnológica e impactos diversos, geram alguns questionamentos: como alfabetizar e letrar em pleno século XXI? Quais desafios e quais possibilidades podem advir da revolução tecnológica vivenciada também na educação?

A justificativa em realizar esse trabalho se baseia na busca em entender essa temática, tanto pela importância do assunto quanto pela necessidade de discutir o papel da educação e por consequência, o papel do educador em meio à educação do século XXI. A hipótese levantada pela pesquisa é a de que a era digital trouxe grandes desafios e possibilidades para o uso da tecnologia em

sala de aula e fora desta mesma sala, sendo um auxílio valioso para o processo de alfabetização e letramento.

Com a finalidade de elucidar e refletir sobre a problemática levantada pela pesquisa, esse estudo tem como objetivo geral analisar os desafios e as possibilidades geradas pela era digital para o processo de alfabetização e letramento. Como objetivos específicos, se propõe a: a) refletir sobre os impactos da era digital na educação; b) entender os desafios gerados para a alfabetização e o letramento, e; c) destacar as possibilidades geradas para a alfabetização e letramento com o uso da tecnologia.

2. METODOLOGIA

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica executada por meio de uma análise exploratória, com abordagem qualitativa (ANDRADE, 2007; GIL, 2007). Sobre a pesquisa qualitativa, trata-se de um tipo de pesquisa em que mostra uma determinada realidade estudada com o objetivo de mostrar os resultados obtidos de um processo de pesquisa (ESTEBAN, 2010). Sendo assim, foram analisados resultados de publicações que tiveram a temática de interesse em foco, compreendendo os eventos educativos enquanto fenômenos sociais, o que permite compreender alguns cenários educacionais.

Já com relação à pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2007) é fundamental que ela ocorra, pois é por meio do estudo do referencial teórico sobre uma determinada temática que os pesquisadores irão compreender qual caminho seguir. Aqui, o autor refere-se especificamente ao trabalho que envolve levantamentos de referenciais teóricos, como pesquisas, livros e artigos já publicados sobre uma temática.

A coleta de dados e informações se deu por meio de uma análise exploratória (LAKATOS; MARCONI, 2007) em sites, livros e artigos que se relacionam com a área, contando ainda com mecanismos de busca como Google Scholar, além de repositórios de pesquisa abertos, Banco de Dados da Scielo, bibliotecas virtuais, e pesquisas publicadas entre os anos de 2010 e 2020.

Nessa análise, destacaram-se alguns autores que abordam o tema na última década, como Buzato (2009), Santos (2009), Freitas (2009), Santi (2014), Kleiman (2014), Miyazaki (2017) e Soares (2018) sendo selecionados artigos de 2010 a 2020 a fim de compor a pesquisa, juntamente com clássicos como livros de Castells (1999) e Levy (1999) e artigos de Soares (2000; 2018), Lemos e Perl (2015) e Pretto (2011).

3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO SÉCULO XXI: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO DIGITAL

O processo de leitura e escrita vem sendo tratado de diversas formas. De Araújo (2011) ressalta que as reflexões acerca desses processos têm sofrido grandes transformações, visto que a linguagem é tida como um processo dinâmico que atinge “contextos significativos da atividade social em diversos aspectos, como familiar e profissional” (ARAÚJO, 2011, p. 641).

Esse processo de transformação dinâmica acontece também no âmbito da Alfabetização. De acordo com Santi (2014, p. 7) “as práticas pedagógicas são culturais, históricas e evoluem em função das necessidades sociais emergentes e do acervo de conhecimento disponível”. Dessa forma, a alfabetização sofreu mudanças significativas no decurso do tempo, havendo principalmente a inserção do aspecto cultural neste processo.

Ainda como infere Santi (2014), baseando-se em pensamentos de autores como Magda Soares e Paulo Freire, a alfabetização parte do contexto social da criança, sendo ela coautora e protagonista de seu próprio processo de ensino da leitura e da escrita.

Segundo De Araújo (2011), a alfabetização possui a mecânica, a decodificação, o entendimento da palavra e seus significados, bem como conhecer o que chama de “tecnologia da escrita” (ARAÚJO, 2011, p. 641). Na mesma direção de entendimento sobre o que é “alfabetização”, Carvalho (2016) descreve a diferença entre alfabetização e letramento da seguinte forma:

A alfabetização no sentido de codificar e decodificar a leitura e a escrita; enquanto o letramento no âmbito de configurar essas competências nas suas práticas sociais, fazendo com que as crianças possam compreender a leitura, a escrita e a interpretação nos diversos contextos que circulam em nosso espaço sociocultural e escolar, compreendendo e sabendo utilizar as diferentes linguagens (CARVALHO, 2016, p. 9).

Miyazaki (2017) também se utiliza do pensamento de Magda Soares e Paulo Freire para mencionar que a alfabetização é mais que a simples decodificação, uma vez que há quem possa ser denominado como analfabeto funcional, ou seja, aquele que apesar de decodificar o símbolo, não consegue se apropriar do sentido e do significado da escrita. Sendo assim, seu processo de aprendizado fica comprometido.

Então, para Miyasaki (2017, p. 223), “não basta uma condição alfabetizada do ponto de vista tradicional que era aprender a ler e escrever, ou seja, aprender a decodificar e codificar, embora essa condição seja fundamental, ela não é suficiente para formar sujeitos letrados”.

O letramento entra nesse processo como uma apropriação da leitura e da escrita enquanto forma de expressão social, como um modo de interagir, com criticidade e propriedade, dando sentido

às situações sociais em que se está inserido. Diferencia-se da “Alfabetização” quando essa apropriação social e cultural, consumindo e produzindo conteúdo, vivenciando e criticando o que se lê e escreve, impute à alfabetização também um caráter político, dinâmico e interdisciplinar (SANTI, 2014).

Soares (2018) registra que a palavra “letramento” entra popularmente no vocabulário da educação a partir da década de 1980. A autora cita Kato (1986) e Tfouni (1988) como os primeiros registros deste conceito na educação, sendo esse último quem realizou a diferenciação entre alfabetização e letramento, separando o reconhecimento do código da apropriação dos significados.

A alfabetização e o letramento são processos complexos, que envolvem grandes discussões e reflexões. No entanto, contextualizá-los debaixo da era digital, traz à essa discussão outros pontos de ainda maior interesse, pois antes de vivenciar o ambiente escolar a criança se apropria de figuras, símbolos, sons, imagens e conceitos que traz à escola com um nível de criticidade que desafia o profissional docente (GHIRARDELLO, 2005).

O processo de alfabetização de crianças que já possuem conhecimentos de informática, que manipulam tecnologias e reconhecem símbolos, consumindo desde a mais tenra idade, informação e estímulo por meios diversos que não a maneira linear de ensinar, faz com que em meio a essa revolução tecnológica, até mesmo antes de ser alfabetizada, a criança seja letrada digitalmente (GHIRARDELLO, 2005).

Isto faz, segundo Feitosa (2018), com que o docente precise repensar a sua prática, sendo capacitado a usar a tecnologia a seu favor na promoção da aprendizagem de crianças que nasceram em meio à era digital. O desafio também está posto no equilíbrio entre o uso das TDIC em favor do aprendizado dinâmico e eficiente, além da participação do saber docente como mediador do conhecimento entre a criança, sua visão de mundo e as fontes de aprendizado disponíveis.

A respeito desse processo de reflexão sobre a própria prática docente, Caldas (2006) menciona que é preciso aprender a ler as mídias “além das aparências” (CALDAS, 2006, p. 122), pois muitas empresas de comunicação nem sempre se preocupam com a qualidade de seus produtos originais. Nesse sentido, a escola e o professor é que precisam se preocupar com uma formação de leitores críticos para além das mídias, ou seja, pensar sobre o que está implícito em um determinado conteúdo noticiado, por exemplo.

Além disso, formar professores para o uso das mídias em sala de aula engloba muito mais do que ler jornais, mas sim “possibilitar a eles, num primeiro momento, uma leitura do mundo para

melhor compreenderem, eles próprios, o poder da mídia e o papel ocupado pelos diferentes veículos no espaço público” (CALDAS, 2006, p. 123). Então, o letramento aqui faz o papel de auxiliar também no domínio da linguagem como ferramenta discursiva, colocando a capacidade de decodificar os sentidos implícitos e explícitos dos textos ao alcance dos alunos. Portanto, capacitar os professores para o uso das mídias implica compreender algumas armadilhas da linguagem e isso é muito mais amplo do que aquilo que alguns projetos de empresas de comunicação objetivam quando adentram as escolas. Trata-se de uma leitura muito mais profunda e crítica, e uma leitura crítica passa, necessariamente, por uma leitura de mundo.

Já Kleiman (2014) destaca que apesar das modificações na tecnologia e no aumento da qualidade do preparo das aulas, ao visitar uma turma de Educação de Jovens e Adultos em processo de alfabetização, chocou-se ao perceber que as práticas ainda “não levam em conta o espaço e o tempo em que transcorrem, tampouco a historicidade dos sujeitos” (KELIMAN, 2014, p. 74).

O que Kleiman (2014) quer dizer é que em sala de aula o processo de alfabetização e letramento, continuam sendo visualizados como no século passado, pois ao se falar em “alfabetização digital” e “letramento digital” deve-se levar em consideração um contingente enorme da população mal escolarizada e visualizar que em paralelo à alfabetização propriamente dita, e ao letramento como processo de aprendizagem, há a inserção da vivência com a tecnologia.

Esse entendimento pode ser percebido tanto na criança que acaba de adentrar o ambiente escolar quanto no adulto, que mobilizado pela necessidade de trabalho ou desejando sair de um processo de marginalização social, enfrenta uma sala de aula em busca do conhecimento dos códigos e símbolos (alfabetização) e da capacidade de articular essas ideias dentro de sua realidade, consumindo e produzindo textos (letramento) (SOARES, 2018).

Alfabetizar e letrar no século XXI exige uma reflexão ainda maior quando se leva em consideração não somente o “uso” da tecnologia, mas a “presença” dessa mesma tecnologia na escola e fora do âmbito escolar. O professor entra na sala de aula a ensinar o código, a letra, o símbolo à criança, e se vê diante de uma geração que aos quatro anos (ou menos) já acessa canais de *streaming* de vídeos, faz download de jogos e brinca com a tecnologia antes mesmo de conhecer as letras ou ler, de forma convencional, manuais de instrução (FEITOSA, 2018).

Pensar que a escola terá sucesso utilizando as mesmas práticas do início do século passado, tanto na percepção do sujeito aprendente quanto na prática alfabetizadora, é uma atitude ingênua no mundo contemporâneo, sendo necessário discutir como o professor tem a capacidade de sair desse

“desconforto” gerado pelo choque de gerações e apropriando-se da tecnologia em sua prática docente ao exercer sua função de mediador dentro dessa sociedade do conhecimento na era da informação (CASTELLS, 1999), preparando essa nova geração digital para um mundo de cibercultura (LEVY, 1999, FREITAS, 2009).

É preciso considerar também o quanto o contexto da Pandemia causado pelo Sars-Cov-2 fez com que muitos docentes tivessem que superar rapidamente essas dificuldades, acelerando essa saída desconfortável (mencionada no parágrafo anterior) e passassem a pensar cada vez mais nas possibilidades dessas mediações pedagógicas por meio das tecnologias ocorressem, embora ainda com muitas dificuldades. Já existem estudos que debatem todas essas questões, como as realizadas por Anjos e Pereira (2021), Franco, Nogueira e Prata (2021), Gomes (2021) e todas elas fazem reflexões sobre esses acontecimentos durante a Pandemia.

Por isso, pensar na formação dos professores e na sua capacidade de entender e aplicar as novas tecnologias no ensino em uma constante, são pontos necessários para prosseguir na reflexão acerca do alfabetizar e letrar na era digital.

4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E NOVAS TECNOLOGIAS: NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER

As formações iniciais e continuadas do docente devem perseguir o objetivo de formar, alfabetizar, letrar e desenvolver o potencial do aluno, oferecendo subsídios para uma visão crítica de mundo, capaz de ser protagonista no desenho de sua própria história e parte influenciadora na sociedade em que vive. Sendo assim, Bates (2017, p. 49) faz uma importante constatação e um questionamento necessário à educação do século XXI:

Nossas instituições educacionais foram construídas em grande parte para outra era, baseadas em uma era industrial, em vez de digital. Assim, professores e instrutores são confrontados com o enorme desafio da mudança. Como podemos garantir que estamos desenvolvendo, em nossas disciplinas e cursos, graduados aptos para um futuro cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo? O que devemos continuar a proteger nos nossos métodos de ensino (e instituições) e o que precisa mudar? (BATES, 2017, p. 49)

Pretto (2011) também destaca que a forma em que se produz o conhecimento e a maneira como a educação tem se desenvolvido diante das diversas linguagens que surgem, parece necessitar de reflexões até mesmo sobre a singularidade ou pluralidade do termo “educação”. Pretto (2011) parece defender uma perspectiva plural, na qual não se fala mais em “educação”, mas em “educações”. Sobre isso, o autor menciona que:

Do ponto de vista científico e tecnológico, constatamos profundas transformações na maneira como produzimos conhecimento contemporaneamente. Vivemos em um mundo onde as grandes velocidades e, principalmente, a aceleração com que os aparatos se deslocam, provocam modificações profundas nas nossas formas de pensar e de ser. Movemo-nos em velocidades nunca dantes experimentadas (PRETTO, 2011, p. 96)

Essa reflexão considera que as mudanças tecnológicas e as transformações na forma de aprender das novas gerações obrigam uma adaptação do processo de ensino à contemporaneidade (KLEIMAN, 2014).

Assim, o professor deixa de ser a única fonte de conhecimento para se tornar o guia dentro das fontes múltiplas de conhecimento e informação, oferecendo suas habilidades de pesquisa, síntese, análise e interpretação para que o aluno alcance os objetivos de sua inquirição, ou seja, possa aprender, consumindo e produzindo conteúdos, decodificando os textos e também dialogando com estes, de forma que estejam plenamente alfabetizados e letrados em meio à desafiante era digital (CARVALHO, 2016).

Belloni (2010) menciona que a escola pública está desempenhando um papel muito significativo nesse processo. É sabido que em muitos momentos essa participação ainda é deficitária, no entanto é preciso considerar que a escola não é um mero dispositivo de reprodução das estruturas sociais, mas é uma instituição que tem como uma das missões diminuir as desigualdades sociais e sendo assim será preciso pensar em novas maneiras de ensinar e novas maneiras de aprender.

O papel da escola nesse processo de democratização do saber é de extrema importância e capaz de colocar as TICs a serviço da criatividade dos alunos e da formação de um processo de solidariedade. No entanto será preciso uma transformação no processo de formação profissional dos professores (BELLONI, 2010).

Ainda segundo Belloni (2010), mediante esses desafios do século XXI, optar por realizar estudos sobre as mídias na educação é um processo irreversível, um caminho sem volta. Será necessário então uma formação de professores que reconheça a importância de levar as mídias para dentro das salas de aula e considerá-las essenciais para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Contextualizar as mídias e o universo sociocultural das crianças é um desafio aos professores e alunos, visto que essa atitude ocasionará relevante transformação nos contextos de salas de aula.

Sendo assim, isso também significa um caminho possível para a inclusão, pois o acesso a todas as tecnologias em uma perspectiva crítica produz a emancipação do ser humano e é um processo de construção da cidadania de forma crítica. Essas mudanças exigem pelo menos uma renovação do sistema escolar e uma transformação da formação inicial e continuada dos professores. Dessa forma

será possível integrar as mídias e as TICS no processo de formação dos professores em sintonia com as mudanças atuais pois os professores estarão bem mais preparados para entre integrar as mídias em sua prática pedagógica (BELLONI, 2010).

5. DESAFIOS AOS PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE NATIVOS DIGITAIS

Marc Prensky (2001) cunhou o termo “nativos digitais” para designar crianças nascidas durante o período de maior desenvolvimento tecnológico. Tezani (2017) ao destacar que a existência dos chamados “nativos digitais” impacta diretamente a forma como se aprende e influi diretamente no processo de ensino e aprendizagem menciona:

Nossos alunos estão imersos num contexto digital. Inseridos em uma sociedade digitalizada na qual as TDIC estão presentes na organização e no funcionamento da vida cotidiana, indagamos sobre seu uso no processo de ensino e aprendizagem: Como (re)pensar a prática pedagógica diante das especificidades dos nativos digitais? (TEZANI, 2017, p. 296).

Prensky (2001) já destacava que os alunos de seu tempo já não eram os alunos para os quais o sistema educacional se formou. Com o advento das redes sociais, da aprendizagem colaborativa, do uso de aplicativos e demais ferramentas digitais, visualizar a educação sob a ótica de um sistema do século passado pode ser desestimulante para os alunos que hoje se assentam nas carteiras escolares.

Como ensina Pretto (2011), esta geração foi a única capaz de ver nascer e desaparecer tecnologias de informação e comunicação. Os “nativos digitais” já usaram DVD e hoje nem lembram mais que o tal existe, visto que ou utilizam computação na nuvem ou, alguns deles, ainda utilizam Pen drives e cartões de memória. A cultura se modifica em uma velocidade alucinante, como cita Pretto (2011, p. 98) ao destacar a fala de Jeff Bezos, criador da Amazon: “quando algo está crescendo 2300% ao ano como foi a Net no tempo da criação da Amazon.com, você tem que se mover rápido”.

Diante desta velocidade de comunicação e de fontes de estímulo ao aprendizado, o professor se defronta com alunos que estão em outra geração, experimentando tecnologias que, diversas vezes, o professor sequer teve contato, visto que em sua prática docente, deve conciliar várias salas de aula, educação continuada, e sua vida social e doméstica (PRETTO, 2011).

Pretto (2011) ainda explana que a velocidade na mudança afeta não só o uso de tecnologias, mas também a própria comunicação. É possível corroborar com este pensamento ao afirmar que os *emoticons*, figuras que destacam visualmente uma mensagem ou estado de espírito, tem sido usado por crianças mesmo antes destas conhecerem a leitura e a escrita. Alfabetizar tais nativos digitais apresenta estes desafios, de tornar o aprendizado significativo, atraente e ao mesmo tempo eficiente

para a formação de um aluno crítico, pensante, capaz de expressar suas ideias e sua visão de mundo enquanto se relaciona com seus pares.

Kleiman (2014, p. 89) afirma que “o letramento torna-se um vetor para a constituição de um sujeito livre, capaz de contribuir para as mudanças sociais”. O autor destaca o quanto, em uma sociedade com alto índice de analfabetismo real e funcional, o letramento e a alfabetização com preocupação crítica, política e social faz com que o aluno atinja seus objetivos sem elitizar a educação, não se constituindo uma barreira para o acesso à informação, mas fomentando esse acesso com um mediador que saiba conduzir os alunos a separar a informação relevante da inútil.

Bates (2017) afirma que a mudança evidenciada na educação e as novas gerações de estudantes passaram a gerar maior responsabilidade para o professor no tocante ao sucesso do aluno. O autor explica que dar aulas expositivas, ao método “século XX” é um jeito fácil de aumentar a quantidade de estudantes e minimizar os custos com professores e materiais. No entanto, a nova geração de nativos digitais tem exigido muito mais das instituições de ensino, tanto quanto a sociedade exigirá deles ao saírem dos bancos escolares para enfrentar os desafios da vida.

Lemos e Perl (2014) além de mencionar que o modelo de aula expositiva acima citado é um processo de “falência” do referido modelo, destacam que a mobilidade do ensino e a responsabilidade do professor, ao ser desafiado pela tecnologia e pela existência de uma nova geração de aprendentes, exige do docente a necessidade de incorporar novos modos de ensinar em meio à cultura digital, aceitando inclusive, sua função como mediador, e não mais como fonte única do saber, gerando assim um processo de aprendizado autônomo por parte do aluno, influenciando sua busca pelo conhecimento.

A insistência em entender o uso das TDIC como simples ferramentas, sem entender seu impacto, pode fazer do uso da tecnologia em sala de aula, quer seja na alfabetização, quer seja no letramento, um “meio estreito, sem imaginação e instrumental” (BUCKINGHAM, 2007, p. 1) com “afirmações pretensiosas...que existem muito antes do advento dos computadores” (BUCKINGHAM, 2007, p. 1).

Buckingham (2007, p. 1) defende que muitos professores não se sentem motivados ao uso da tecnologia em sala de aula “não por serem antiquados ou ignorantes, mas porque reconhecem que ela não contribui pra que eles alcancem seus objetivos”. Esse criticismo do autor tem razão de ser quando o uso da tecnologia é utilizado muito aquém de seu potencial.

Assim como para alfabetizar se utiliza um pré-conhecimento da criança, unindo seu interesse pelas letras, cartazes, outdoors e demais símbolos que observa cotidianamente em sua vida fora da escola, o uso da tecnologia deve contemplar o lúdico, instigar a imaginação e desafiar o aluno a aprender enquanto manipula essa mesma tecnologia. Buckingham (2007) afirma:

As tecnologias digitais são um fato inevitável da vida moderna. Os professores precisam usá-las de uma forma ou de outra – e o livro é uma tecnologia (ou um meio) tanto quanto a internet. Não podemos simplesmente abandonar a mídia e a tecnologia na educação e retornar a um tempo mais simples e natural. Os meios digitais, como a internet e os jogos de computador, realmente tem enorme potencial para o ensino, mas será difícil realizar esse potencial se persistimos em considerá-los apenas como tecnologias, e não como formas de cultura e comunicação (BUCKINGHAM, 2007, p. 5).

O autor entende que a tecnologia é um meio de ampliar as habilidades dos alunos, bem como já está inserida no contexto social destes fora do âmbito escolar. Muitas crianças em idade escolar têm acesso a *smartphones* e à tecnologia *touch* antes mesmo de adquirirem coordenação motora fina para segurar o lápis ou a caneta para a escrita (BUCKINGHAM, 2007).

Assim, o desafio ao professor alfabetizador faz com que muitos destes profissionais fiquem frustrados e cheios de tensão e ansiedade. A busca por aperfeiçoamento acadêmico, entendimento das mídias sociais, do uso de tecnologias voltadas a educação, ou seja, da mídia-educação na formação dos professores, podem minimizar esse impacto de gerações e auxiliar o professor em sua prática docente.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou analisar os desafios e as possibilidades geradas pela era digital para o processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, são muitas as situações a serem enfrentadas por docentes e alunos no processo de ensino-aprendizagem, tanto pela diferença de gerações, pela inserção da tecnologia no cotidiano da criança, quanto na competência do professor em lidar com essa tecnologia.

Muitos desses desafios ainda persistem, pois muitas metodologias pensadas para ensinar os conteúdos para essa geração digital ainda se baseiam em concepções do passado para uma sociedade multiletrada contemporânea. Não é difícil perceber que existe uma escola do século XIX, com professores do século XX e que dão aulas para alunos do século XXI. Esse descompasso precisa ser ajustado de forma que as ações pedagógicas possam atuar de maneira sincronizada.

Conclui-se ainda que a tecnologia permitiu a existência de novas formas de ensinar e de aprender. Embora essas novas formas representem desafios ao professor, modificando seu papel

dentro do processo de aprendizagem e ampliando sua influência para fora dos muros da escola, também se constitui oportunidade de crescimento e de aprendizado por toda a vida, estimulando a criança a buscar mais conhecimento e a pensar criticamente acerca de seu mundo e da sociedade onde vive.

A alfabetização como decodificação de símbolos e como entendimento do contexto social adquire uma vertente digital, com uma leitura crítica do mundo em que o uso das mídias e “Tecnologias Digitais de Interação e Comunicação” – TDIC se associam à tecnologia da escrita para compor uma nova competência no aluno, fortalecendo o seu conhecimento e introduzindo-o no ciberespaço, onde sua autonomia amplia seus limites para o saber.

O letramento, como capacidade para entender e criticar o mundo em que conhece pela alfabetização, também assume sua vertente digital, ampliando seu escopo e alcançando discentes e docentes, envolvendo no mundo das mídias e tecnologias o uso de ferramentas colaborativas, exigindo novas habilidades, criando senso crítico sobre o que se aprende, trazendo interdisciplinaridade para o contexto escolar e apresentando novos desafios à arte de ensinar.

Por fim, a tecnologia provê benefícios ao processo de ensino e aprendizagem, sendo um meio de comunicação e interação, contudo, ainda demandando uma ação do professor, que deve utilizá-la de forma a potencializar a autonomia do aluno, fortalecendo sua capacidade de aprender, servindo como mediador do conhecimento e sendo capaz de também aprender novas leituras nesse processo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ANJOS, C. I.; PEREIRA, F. H. Educação Infantil em tempos de Pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, Dossiê Especial: Educação Infantil em Tempos de Pandemia, p. 3-20, Jan./ 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroses/article/view/79179/45389>. Acessado em: Mai. 2023.

ARAÚJO, E. V. F. de. Letramento em contexto digital: diferentes práticas de leitura e escrita. In: **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, n.5, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 640-646. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/56.pdf. Acessado em: Mai. 2023.

BATES, A. W. **Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

BELLONI, M. L. Escola e Mídias: cenários de mudança. In: BELLONI, M. L. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança**. Campinas: Papyrus, p. 321-327.

BRUEL, G. J. **Transformação Digital: Como as novas tecnologias vão mudar a forma como aprendemos**. 2018. Disponível em: <https://transformacaodigital.com/transformacao-digital-na-educacao/>. Acessado em: Mai. 2023.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na Era das Mídias Eletrônicas**. Trad. Gilka Girardello e Isabel Orofino. Rio de Janeiro: Loyola, 2007.

BUZATO, M. E. K. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 25, n. 1, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v25n1/a01v25n1.pdf>. Acessado em: Mai. 2023.

CALDAS, G. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educação e sociedade**. Campinas, v.27, n. 94, p. 117-130, Jan./ Abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>. Acessado em: Mai. 2023.

CARVALHO, I. L. P. **Alfabetização e letramento: caminhos de conhecimento**. 2016. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Nova Cruz, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/41885/2/TCC%20IVANA%20-%20FINAL%20PDF.pdf>. Acessado em: Mai. 2023.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v.1, 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FEITOSA, E. M. F. **Mídia-Educação: possibilidade na formação em serviço de professores em HTPC**. 2018, 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181009/feitosa_emf_me_prud.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acessado em: Mai. 2023.

FRANCO, G. E. F.; NOGUEIRA, E. M. L.; PRATA, W. M. L. Educação Infantil no contexto amazônico: experiências em tempos de pandemia. **Zero-a-seis**, v. 23, n. Especial, Dossiê Especial: Educação Infantil em Tempos de Pandemia, p. 244-268, Jan./ 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroa-seis/article/view/78988/45383>. Acessado em: Mai. 2021.

FREITAS, M. T. A. **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRARDELLO, G. Produção Cultural infantil diante da tela: da TV à Internet. **Teias**, Rio de Janeiro, v.6, n. 11-12, p. 1 – 12, Jan./Dez. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23980/16951>. Acessado em: Mai. 2023.

GOMES, E. X. Pedagogia da presença na formação de educadoras/es de infância: perspectivas sobre as suas (im)potências no âmbito da Pandemia. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, Dossiê

Especial: Educação Infantil em Tempos de Pandemia, p. 269-290, Jan./ 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79039/45384>. Acessado em: Mai. 2023.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. B. Letramento na contemporaneidade. São Paulo, **Bakhtiniana**, v. 9, n.2, p. 72-91, Ago./Dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19986/15597>. Acessado em: Mai. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEMOS, A.; PERL, L. Comunicação e Tecnologia: uma experiência de “classe invertida”. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 127-139, Jan/ Jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/84709/96731>. Acessado em: Mai. 2023.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIYAZAKI, A. R. S. O Uso da Tecnologia para Alfabetizar e Letrar no Século XXI. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v.4, n.2, p 219-230, Jul./ 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/artigo-cientifico/pdf/alfabetizacao-e-letramento.pdf>. Acessado em: Mai. 2023.

PRETTO, N. L. O desafio de educar na era digital. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 24, n. 1, p. 95-118, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3042/2459>. Acessado em: Mai. 2023.

PRESKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. 2001. Disponível em: <https://marcpresky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acessado em: Mai. 2023.

SANTI, V. J. A Sociedade em rede, a geração digital e a crise na imprensa: Para onde caminha o jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. Santa Maria, v.13, n. 26, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/15641/pdf>. Acessado em: Mai. 2023.

SANTOS, E. M. Pesquisa na internet: copia/cola??? In: ARAÚJO, J. C. (Org.). **Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Singular, 2009, p. 268-278.

SOARES, M. **Letramento-um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

TEZANI, T. C. R. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re) pensar a prática pedagógica. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Bauru, v. 19, n. 2, p. 295-307, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10955/7089>. Acessado em: Mai. 2023.

YAÑEZ, O. J. **Como as diferentes gerações aprendem.** [Entrevista concedida a: Mariana Ezenwabasili]. Educação, São Paulo, n.235, 01.Dez.2016. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/12/01/como-diferentes-geracoes-aprendem/>. Acessado em: Mai. 2023.